

**DEPOIS DA RADIAÇÃO: A BOMBA ATÔMICA, A CRÍTICA HISTORIOGRÁFICA E OS USOS PÚBLICOS E POLÍTICOS DO PASSADO.**

MARIO MARCELLO NETO<sup>1</sup>

**Antes da radiação: um panorama das discussões sobre a bomba atômica**

“Um dos paradoxos dolorosos do nosso tempo reside no fato de serem os estúpidos os que têm a certeza, enquanto os que possuem imaginação e inteligência se debatem em dúvidas e indecisões”, com essa frase, Bertrand Russell (1953, p. 3) explicita sua ideia pacifista de mundo, olhando para um dos eventos mais impactantes que a humanidade já produziu: o uso de armas nucleares contra seres humanos. Ressalto, de antemão, que uma história do genocídio, ou a escrita da história sobre a historiografia de um genocídio é sempre, em última instância, uma manifestação política. Embora inúmeros estudos durante o século XX demonstrem a impossibilidade de uma história imparcial, a discussão sobre juízos de valor e posicionamentos político-ideológicos ainda é uma seara intempestiva para a historiografia.

A morte de cento e setenta mil pessoas<sup>2</sup> é algo repudiável, seja a motivação ou justificativa que se tenha para tal ato. Sobre isso, um dos debates mais acalorados e proeminentes da metade final do século XX foi, com toda a certeza, as discussões acerca do Holocausto, com ênfase nas acusações de relativismos, revisionismos, negacionismos e até mesmo da ética do historiador entraram em pauta ante a essas discussões que envolviam uma memória coletiva muito traumática.

Todas as problemáticas levantadas sobre o Tribunal de Nuremberg e o julgamento dos oficiais nazistas, as acusações de falta de fontes para comprovação da existência de fornos de cremação, entre outros casos, fizeram com que historiadores éticos, comprometidos com a sociedade, exercendo sua profissão de forma idônea, se obrigassem a construir um arcabouço teórico denso, que hoje servirá de base para grande parte deste trabalho. Porém, de todos os genocídios existentes, desde o genocídio aos povos nativos da América, com a chegada dos europeus, até o genocídio armênio, por exemplo, são temas que tem uma certa repercussão ante os historiadores de forma mais enfática, focado muito mais nas vítimas do que nos

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Pelotas – mariomarceloneto@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Dados retirados de --, se referindo apenas as vítimas da bomba atômica após três dias do seu lançamento, não computando os números de pessoas que morreram no decorrer do tempo por causa dos efeitos nocivo de tal armamento.

algozes. Tal questão é facilmente evidenciada, só que de maneira inversa, quando se trata das bombas atômicas lançadas sobre o Japão no final de Segunda Guerra Mundial.

Sobre a bomba atômica, como afirma Gonçalves<sup>3</sup> (2011), tem-se a impressão que o mundo só enxergou o gigantesco cogumelo de fumaça que ilustra os mais variados catálogos de imagens e livros didáticos. Porém, poucos se dedicaram a desbravar os horrores e as consequências que aquela população que estava dentro do cogumelo sofreu, sofre e ainda sofrerá. Nesta perspectiva, fica claro que existe uma hierarquia entre os temas mais falados, prestigiados e discutidos pela historiografia, porém, existem outros temas que por dificuldades de fontes, ou por se tratarem de uma memória coletiva muito instável, que tornam-se temáticas ocultadas, escondidas em algum subterfúgio da lucidez humana.

A bomba atômica está no patamar de eventos listado. Ela é pauta, por mais curta que seja, de todo livro que se preze a falar sobre a Segunda Guerra Mundial. Porém, os incipientes estudos deixam muito a desejar sobre as temáticas mais humanas, que envolve envolvem a compreensão das vítimas, as longínquas consequências da radiação e outros fatores comumente abordados pela historiografia quando trata-se da história de um genocídio.

Os estudos<sup>4</sup> sobre a bomba atômica podem ser divididos em dois grupos: dos que se dedicam a trabalhar a memória, o trauma e a recuperação do país tanto economicamente quanto culturalmente após o lançamento das bombas e uma segunda corrente de estudos que se dedica a problematizar as motivações pelo uso da bomba e sua real (ou não) necessidade de uso. Este trabalho se dedicará a discutir dois autores pertencentes ao segundo grupo.

Uma das discussões mais efervescentes sobre a bomba atômica versa sobre as motivações e justificativas dos EUA para terem utilizado uma arma de destruição em massa. Essas questões, iniciam a ser discutidas na metade da década de 1960, ou parafraseando Henry Rousso (1994), quando as cinzas da Segunda Guerra Mundial começam a esfriar. É neste contexto, ainda de Guerra Fria, que os primeiros estudos mais densos sobre a bomba atômica se iniciam. Um dos mais influentes intelectuais a debater este tema e ter suas ideias incorporadas por grande parte da historiografia, inclusive por expoentes como Hobsbawm (1995) é o economista político Gar Alperovitz.

---

<sup>3</sup> Um dos poucos estudos no Brasil sobre a temática da bomba atômica. Dedicada a estudar as representações deste evento no mangá “Gén – Pés Descalço”, Adriana Gonçalves faz uma análise interessante, problematizando os pontos de vistas diferenciados sobre este evento.

<sup>4</sup> Vale ressaltar, que devido a influência de tantas áreas como o cinema e

Gar Alperovitz lança em 1965 o livro “Atomic Diplomacy: Hiroshima and Potsdam”. Seu denso estudo, com uma grande consulta a diversos documentos até então não estudados, afirma que a bomba atômica foi utilizada para demonstração de poder dos EUA ante a URSS, que estava invadindo o Japão e se alcançando o *status quo* de grande vencedora da Segunda Guerra Mundial. Para o autor, a questão da rendição do Japão é irrisória, pois tratava-se de um país falido economicamente e destruído e esfacelado militarmente em agosto de 1945.

Essa corrente de pensamento fundamentou toda uma historiografia que convencionou chamar a bomba atômica como um dos fatores iniciais da Guerra Fria, sendo considerado como pertencente a “New Left”<sup>5</sup>. Alperovitz está focado em demonstrar como os EUA arquitetaram o uso de armas nucleares com objetivos meramente políticos, de dominação diplomática e demonstração de poder, além, é claro, de testar em um combate uma das mais caras tecnologias de guerra produzidas pelo ser humano. Para ele: “antes da bomba atômica ser usada a guerra contra o Japão poderia ter terminado por outros meios sem a perda significativa de vidas”<sup>6</sup> (ALPEROVITZ, 1995, p. XIII – tradução minha).

Essa vertente, digamos historiográfica (embora Alperovitz não seja historiador), consolidou uma forma de ver a bomba atômica. Essa imagem de diplomacia atômica (título do livro de Alperovitz) traz duas questões importantes de serem debatidas: 1) a mistificação da bomba atômica como algo estritamente político, diplomático, descaracteriza-a com relação ao seu lado destrutivo que não só mata muitas pessoas, como permanece matando por muitos anos em virtude da radiação; 2) a preocupação exorbitante com o seu presente (década de 1960), faz com que Alperovitz se preocupe muito com a corrida nuclear em alta durante a Guerra Fria e veja as armas nucleares como um possibilidade clara de extermínio da humanidade, porém com pouca reflexão acerca dos horrores da bomba para aquelas populações que foram atingidas.

---

<sup>5</sup> Aqui me refiro a “New Left” como corrente de pensamento do pós-guerra, que abarca intelectuais dos mais variados tipos e lugares. Não me refiro aos grupos mais seletos de intelectuais britânicos participantes do periódico “New Left Review”. Essa corrente de esquerda tinha como base fundamental sustentar os pilares do socialismo e denunciar as opressões capitalistas no mundo. Dentro desta perspectiva, intelectuais como William Appleman Williams, Lloyd Gardner, Patrick J. Hearden, Gabriel Kolko, Walter LaFeber, e Thomas McCormick e o próprio Gar Alperovitz integrariam o grupo. Esta ideia foi utilizada por Robert Maddox (1973), entre outros, para aglutinar todos aqueles que ele considera “revisionistas” com relação a sua visão sobre o início da Guerra Fria. Adotei tal modelo de classificação por ser abrangente e atender as necessidades deste texto. Porém, é preciso ressaltar que os membros desta “Nova Esquerda” (em tradução literal) são os mais diversos e contraditórios possíveis, porém tem em comum os objetivos supracitados.

<sup>6</sup> “before the atomic bomb was used that the war with Japan could be ended by other means without significant loss of life” (texto original)

Embora saiba que a preocupação e formação de Alperovitz, em economia política, o permitiram realizar estudos apenas de caráter político, minha crítica está sendo feita pelo o que se apropriaram de sua obra, tornando os estudos sobre a bomba atômica, até meados da década de 1990 predominantemente sob o aspecto político, muito pouco estudado do ponto de vista traumático e/ou com relação a memória das vítimas de tal evento.

O clímax da discussão sobre a bomba atômica, vai se gerar quando, na década de 1970, um historiador estadunidense, vindo de uma escola tradicionalista, especialista em biografias e história de vida de políticos dos EUA<sup>7</sup>, chamado Robert Maddox (1973) publica seu livro “The New Left and the Origins of the Cold War”. Este livro foi um dos primeiros a serem aclamado por uma parcela da historiografia estadunidense por ser considerado um manifesto antissocialista e contrário a corrente chamada de “New Left”.

Maddox é dono de um discurso ácido, combativo e eloquente. Em suas narrativas procura estabelecer uma relação de imparcialidade máxima, utilizando um discurso historicista de crítica a outras obras, buscando compreender erros e problemáticas mal explicadas ou disfarçadas por outros intelectuais. Sua principal argumentação, também embasado em suas fontes –algo que discutiremos a seguir – é que o Japão representava, sim, um grande perigo em meados de junho até agosto de 1945. Para isso, o autor recorre a fontes estadunidenses sobre a Segunda Guerra Mundial, principalmente os diários dos presidentes e outros políticos importantes, como o Secretário de Guerra: Henry Stimson, que segundo Maddox, comprovam que o Japão não se renderia caso não fosse utilizada as bombas atômicas.

Esse embate durou anos, Alperovitz continuou sua carreira ao lado de outros marxistas reconhecidos mundialmente como David Harvey, voltando seus estudos para a Guerra Fria e as relações econômicas e desiguais do sistema capitalista. Maddox, por sua vez, professor na Pennsylvania State University continuou a produzir sobre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria durante toda a década de 1970 até a metade da década de 1990.

Um abalo estrondoso nas estruturas acadêmicas deste período se deu 1995, data que “comemorava” (para uns) ou se “rememorava” (para outros) o lançamento da bomba atômica. Envoltos por esse caldeirão composto pela historiografia em disputa e pela mídia, a polêmica

---

<sup>7</sup> Robert Maddox faz parte daquele grupo de intelectuais formados em História, porém com grande ênfase em Relações Internacionais e diplomacia. Seus estudos iniciais são as biografias do senador estadunidense do século XIX William Borah e do ex-presidente dos EUA Harry Truman.



sobre a exposição do Engola Gay<sup>8</sup>, avião que portava a bomba atômica lançada sob Hiroshima, fez com que esses intelectuais publicassem novamente estudos sobre a bomba atômica, porém dessa vez sem o espectro da Guerra Fria, nem mesmo das disputas entre o socialismo cristalizado na existência da URSS e o “vencedor da Guerra Fria”, o capitalismo, representado pelos EUA e sua política externa e econômica.

Nesta “re-visão” de suas obras, na década de 1990, tanto Alperovitz como Maddox, deixam claro seu posicionamento com relação ao evento. Ambos mantêm as posições anteriores, porém enfatizam e revisam seus livros e seus principais postulados. Alperovitz (1995) em seu livro “The Decision to Use the Atomic Bomb, and the Architecture of an American Myth” deixa claro que após a desintegração da URSS fica evidente o jogo diplomático estadunidense a partir das armas nucleares. A Guerra do Golfo, e todas as guerras posteriores travadas e/ou lideradas pelos EUA no Oriente Médio são, para o autor, uma prova clara da ameaça que armas nucleares poderiam representar contra si (os EUA), mas que a seu favor, significariam um basilar completamente favorável em uma relação diplomática. Para Alperovitz, as relações entre “os que tem armas nucleares” e os “que não tem armas nucleares” foi o que ditou e ainda (em 1995) ditava a geopolítica mundial. Tudo isso, deriva da experiência comprovada de Hiroshima e Nagasaki, que não só demonstra o poder bélico dos EUA, mas a coragem de matar milhares de pessoas em prol de seus ideais, algo completamente simbólico na construção de um mundo bipolar, como a Guerra Fria.

Robert Maddox em 1995 lança um audacioso estudo sobre o uso das armas nucleares pelos EUA. Sua principal tese corrobora com sua obra da década de 1970. Trabalhando principalmente com as questões sobre a expectativa de baixas que o exército estadunidense teria no caso de uma invasão militar ao Japão, com o intuito de finalizar a guerra; a recusa do postulado de que a URSS estava prestes a invadir o Japão, fazendo com que os nipônicos estivessem em uma relação de aceitação da rendição; e a sua ideia central de que a bomba atômica foi um mal necessário, ou seja, ela foi a escolha cabível naquele momento, uma escolha meramente militar, não política, muito menos econômica.

### **Tradicionalistas versus New Left: um debate político ou acadêmico?**

Dentro do debate historiográfico é evidente os nichos estéticos e ideológicos que se constituem para a formulação de ideias e pensamentos acerca do mundo e do que se propões

---

<sup>8</sup> Sobre isso ver: (ÁVILA, 2014)

por história. Robert Maddox e Gar Alperovitz, obviamente pertencem a dois nichos completamente diferentes. Suas formas de ver o mundo e de escrever sobre o passado tem uma estreita relação com seu ofício acadêmico.

Mesmo sendo alvo de negativas por parte de Maddox, falar sobre a bomba atômica é sim um ato político. Não existe a possibilidade, segundo Vidal-Naquet (1987) de se escrever a história sobre eventos traumáticos sem tomar um partido, escolher um dos lados. Não que isso impeça autocríticas e discussões que relativizem posições dogmáticas, porém é necessário compreender que ao se escolher o tema e construir uma narrativa com relação a ele embasado em fontes, faz-se aquilo que Certeau (1982) chamou de “operação historiográfica”, afinal: “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 2002, p. 65). Porém, como o próprio Certeau afirma toda escrita da história é pessoal e subjetiva, sujeita a influências ideológicas que permeiam o seu modo de ver o mundo e construir a narrativa, na visão do autor, deve-se compreender que as instituições, a posição social (status) e o lugar de onde estes historiadores escrevem tem influência direta em sua produção. Nesta perspectiva, Maddox tem suas concepções de mundo muito bem definidas, acreditando existir uma corrente intelectual contra os estadunidenses e favoráveis a URSS, lança mão de sua formação de historiador para problematizar e acusar outros intelectuais de construírem “mitos” e se tornarem “revisionistas”.

A geopolítica do conhecimento (MIGNOLO, 2003) é fundamental para que se possa entender as relações que envolvem o lugar e quem está falando sobre a bomba atômica. Tanto Maddox quanto Alperovitz estão falando da bomba atômica a partir dos EUA e fundamentalmente para os EUA. Com poucas consultas as fontes de outros países e poucos preocupados a discutir temáticas que não estejam dentro da pauta de debate dos políticos estadunidenses do final da Segunda Guerra Mundial. Isto, deixa claro que o lugar de onde falam, tanto geograficamente, como intelectualmente exercem uma função clara em sua obra.

O lugar intelectual dos dois autores aqui estudados é que os diferenciam. Gar Alperovitz vem de uma matriz marxista, na qual vê no capitalismo um produtor de desigualdades e outros tipos de opressão. Com isso, seus estudos sobre a bomba atômica se esforçam para comprovar que os EUA utilizaram tal artefato como demonstração do poder bélico e tecnológico para uma a superpotência da época (que estava se sagrando como a grande responsável pela derrota do Eixo na Segunda Guerra Mundial): a URSS.

Todavia, Robert Maddox vem de uma corrente anti-marxista, que acredita que existe uma perseguição de intelectuais de esquerda – os quais ele classificou genericamente como “New Left” – aos intelectuais pró-EUA. Para o autor, os marxistas infringem códigos éticos, omitem partes de fontes, falseiam suas narrativas para que seus ideais estejam à frente da sua pesquisa. Em outras palavras, Maddox acredita que grande parte dos marxistas e novos marxistas forjam fontes e evidências que corroborem com as conclusões preliminares que eles têm a partir da sua visão política.

Isso significa dizer, que segundo Maddox, Alperovitz forjou sua narrativa omitindo fontes e escrevendo de uma forma tendenciosa: listando as fontes apenas em notas de fim (o que dificulta o acompanhamento do leitor) e sem uma discussão bibliográfica e/ou teórica sobre o assunto, para corroborar sua ideia de que as bombas atômicas foram jogadas para demonstrar o poderio científico e militar dos EUA à URSS.

Embora essa crítica de Maddox tenha fundamento, e seus exemplos pontuais são coerente e aparentam demonstrar uma supressão de partes das fontes por parte de Maddox, não se pode esquecer que este recorte com relação as fontes (o que e como será dito) faz parte da atividade heurística do historiador. Sendo assim, fica extremamente complexo e muitas vezes raso acusar de falsário e antiético, supressões de trechos de fontes com relação a questões pontuais, mesmo que essas tenham coerência. Vale ressaltar que Alperovitz mesmo com tais relações com as suas fontes, mostrou-se extremamente capaz de argumentar em prol de sua tese e defende-la de maneira suficientemente coerente.

### **Nuclearidade e Exterminismo: a continuação do debate**

Ao longo das décadas de 1970 até meados da década de 1990, alguns (poucos) intelectuais se dedicaram a estudar as bombas atômicas. Um grande número de intelectuais se dedicou a estudar a nuclearidade e o perigo que as armas nucleares representavam para a humanidade. Principalmente durante o período chamado de Segunda Guerra Fria, o qual Fred Halliday (1989) define seu início a partir da eleição de Ronald Reagan e seu estreitamento com as políticas militaristas e nucleares neste período. Sendo assim, as crises do período da Segunda Guerra Fria não eram apenas uma questão de diferenciação na forma das relações entre os EUA e URSS, “mas deu importância especial por causa do papel desempenhado nela

pela corrida armamentista nuclear e os perigos que acertadamente se vê como nascidos desta competição militar<sup>9</sup>.” (HALLIDAY, 1989, p. 21 – tradução minha).

Nesta seara de efervescência de intelectuais pensando sobre o seu presente (década de 1980) surgem trabalhos como os de Cornelius Castoriadis (1981) e as obras encabeçadas por Edward Thompson durante sua luta junto ao movimento pacifista (THOMPSON; SMITH, 1981) entre outros. Todos preocupados com a questão da nuclearidade, da possibilidade do extermínio da humanidade e do perigo que representa armas de destruição em massa sob o controle de países capitalistas ou socialistas “descontrolados”, como afirma Thompson (1985). Umberto Eco, numa espécie de prefácio a edição que compila toda a obra do cartunista argentino Quino, com relação a sua personagem Mafalda, diz:

*(...) Mafalda reflete as tendências de uma juventude inquieta, que assumem aqui a forma paradoxal de dissidência infantil, de esquema psicológico, de reação aos veículos da comunicação de massa, de urticária moral provocada pela lógica dos blocos, de asma intelectual causada pelo cogumelo atômico. (ECO, 2010, p.16)*

Ao apresentar as características marcantes da sagaz personagem do cartunista argentino, Umberto Eco destaca a sua relação com o contexto de produção. Esta geração revoltosa do pós-guerra, presa a um mundo dogmático e complexo, capaz de causar atrocidades como foram as causadas durante a Segunda Guerra Mundial, vieram por meio de críticas de uma criança ao sistema capitalista, dentre as que mais se destacam estão as depreciações de Quino pelas armas nucleares e seus perigos.

É dessa “asma intelectual”, como falou Eco (2010), que eu estou falando aqui. Esse contexto que choca e indigna diversos intelectuais no mundo inteiro, pois mesmo com toda a tragédia provocada em Hiroshima e Nagasaki, continuou-se produzindo (e muito) armas nucleares, colocando em risco a vida de toda a humanidade. O surgimento de ficções científicas como a literatura de Philip Dick ou os filmes de Stanley Kubrick são exemplos deste contexto.

Todavia, mesmo com todo esse caldeirão cultural, que deixou a nuclearidade em pauta, como uma questão importante a ser discutida, a bomba atômica seguiu sendo escamoteada, colada num patamar epistemológico diferenciado: ao invés de se estudar e falar deste evento,

---

<sup>9</sup> “sino que se le dio especial importancia debido al papel desempeñado dentro de ella por la carrera armamentista nuclear y los peligros que acertadamente se ven como nacidos de esta competición militar” (texto original).



fala-se<sup>10</sup> apenas que ela existiu (quando se fala), mas foca-se nos horrores que a bomba atômica pode trazer no futuro, praticamente negligenciando os horrores causados no passado.

Os motivos pelos quais essa omissão com relação a bomba atômica imperou nesses intelectuais durante a Guerra Fria, podem ser os mais variados, algo que não caberia aqui discutir. Vale apenas assinalar, que sobre o Holocausto, diversos autores como Friedlander (2007) e Bauman (1998), dedicaram-se a estudar esse evento a partir dos seus traumas e mostrando os perigos de doutrinas de supremacia racial entre outras questões. Entre outras palavras, aquilo que Hayden White (2014) chamou de “Passado Prático”<sup>11</sup> foi colocado em prática por esses intelectuais, ou seja, buscaram no passado justificativas convincentes de como um estado totalitário e/ou discursos de supremacia racial podem levar (no futuro) ao extermínio em massa de determinadas etnias e/ou grupos sociais. Embora isso, na prática, não tenha sido executado (em partes ou de maneira geral), em termos políticos, houve uma grande movimentação para que ações deste tipo ocorressem.

Essa relação entre passado, presente e futuro foi estabelecida com diversos assuntos envolvendo a Segunda Guerra Mundial, como Henry Rousso (1994) mostra no caso francês, envolvendo a memória e sua propagação com relação a República de Vichy e os colaboracionistas franceses. Todavia, no que versa sobre a bomba atômica, poucos intelectuais se dedicam a estudar a bomba a partir do trauma, dos seus efeitos e perigos que representam para sociedade em função do que já aconteceu, e não com relação ao que pode acontecer.

As opiniões sobre aqueles que se dedicaram a falar diretamente sobre a bomba atômica foram se multiplicando, e os debates públicos sobre o tema foram cada vez mais se tornando frequentes e acirrados. Estes debates públicos ficaram evidenciados nas trocas ácidas de acusações entre Robert Maddox e outro historiador estadunidense especializado em diplomacia: Ronald Steel. Tais discussões foram travadas através do periódico sobre livros “The New York Reviews”, nos quais se caracterizava por conter artigos de intelectuais comentando um ou mais livros publicados recentemente. Ronald Steel e Robert Maddox travaram um dos debates mais intensos deste periódico.

Em plena Guerra Fria, durante os anos finais da Guerra do Vietnã, Steel (1971) lança em seu texto uma ácida denúncia a política externa estadunidense. Acusando o governo

---

<sup>10</sup> Aqui, a fala a qual estou me referindo é a dos autores listados dois parágrafos acima.

<sup>11</sup> Tradução literal de “Practical Past”.

estadunidense do pós-guerra de ter iniciado a Guerra Fria por puro interesse político e econômico. Argumenta, ainda, que os EUA nada fizeram para evitar conflitos diretos e indiretos com a URSS e acusa os intelectuais (e neste grupo inclui-se Maddox e o que ele chamou de historiadores liberais<sup>12</sup>. A partir de então, os dois historiadores travam um debate, que se resume a quatro edições da revista contendo artigos de cada um argumentando a favor de seu posicionamento. Em 1972, Robert Maddox em resposta ao texto supracitado de Steel, tece um pequeno argumento listando três pontos nos quais seriam suficientes para Steel compreender que a sua visão é uma visão revisionista da história. Para isso, ele argumenta que:

*A revisão de Ronald Steel com relação a alguns livros sobre as origens da Guerra Fria (NYR, 2 de setembro) foi imparcial no seu conjunto. Ele realmente deve consultar algumas fontes primárias, no entanto, ele parece ter aceitado como verdade, algumas das mais grosseiras ficções revisionistas<sup>13</sup>. (MADDOX; STEEL, 1972 – tradução minha)*

Essa discussão foi se estendendo, e Maddox seguiu, sempre, com sua argumentação de que revisionistas escondem fontes, negam elementos que poderiam ser contraditórios a sua tese. Saindo, em grande parte das vezes, em defesa a política externa dos EUA no pós-guerra. Suas opiniões são claras com relação a isso, todavia, ele se utiliza do seu ofício de historiador para que sua retórica seja protegida. Utilizando-se do meio acadêmico, Steel (MADDOX; STEEL, 1972) também debate as relações feitas por Maddox e questiona a sua omissão da continuidade das suas citações sobre o pós-guerra, mostrando, que é parte do ofício do historiador selecionar fragmentos das fontes para construir suas narrativas.

Todavia, a bomba atômica, em todas essas discussões, até mesmo na resposta final de Maddox (1973), ficou de fora. A questão toda girava em torno da política externa dos EUA, sendo assim, a bomba atômica, neste período de Guerra Fria havia sido burocratizada tanto pela “New Left” como pelos tradicionalistas. Afinal, a bomba, para grande parte dos intelectuais havia se tornada o carro chefe da diplomacia na metade final do século XX. Uma pequena prova de tal questão é o lançamento do livro de Gar Alperovitz (1969) no Brasil.

---

<sup>12</sup> Esses “liberal historians” (STEEL, 1971) ou seja historiadores liberais (em tradução literal) seriam aqueles pertencentes a corrente tradicionalista de pensamento, contra o pensamento marxista e suas adjacências.

<sup>13</sup> “Ronald Steel’s review of some books on the origins of the cold war (NYR, September 2) was evenhanded on the whole. He really ought to consult some primary sources himself, however, for he seems to have accepted as fact some of the grosser revisionist fictions.” (texto original)

Lançando em plena ditadura civil-militar, pela editora da Biblioteca do Exército, traz em uma nota de abertura uma argumentação que é contrária a toda a ideia do livro de Alperovitz. A nota diz que:

*Antes de decidirmos editar o presente livro, “Diplomacia Atômica”, muito pensamos a oportunidade retrospectivo que ele faz e o entendimento do autor a respeito da Segunda Guerra Mundial. As apreciações sobre o emprego da bomba atômica e sobre a ameaça em que se constituiu e ainda paira no mundo, após seu uso – “uma bárbara e desumana arma de guerra” no dizer, até, de seus próprios artífices – ameaça que veio ocasionar a “guerra fria”, são de certo valor atual e servirão de consulta e meditação, pois nos trazem ao conhecimento fatos ocorridos nos bastidores do Governo Truman, logo após a morte do Presidente Roosevelt, inclusive os acalorados debates a respeito do **formidável engenho bélico** contra o Japão, nas cidade de Hiroshima e Nagasaki. Constituir-se-á este livro, sem dúvida, em particular para a juventude de 1945, os homens de hoje, um depoimento sincero e um arquivo precioso das batalhas da estratégia diplomática ocidental na luta contra a expansão do **imperialismo soviético que procurava àquela época – o que permanece como sua principal meta ainda hoje – o domínio do mundo livre.** (BIBLIOTECA DO EXÉRCITO In: ALPEROVITZ, 1969, p. 1 – grifo meu)*

Como é possível perceber, principalmente nos trechos grifados, que o livro lançado no Brasil, tinha um intuito de louvar a política externa estadunidense, que se viu obrigada a utilizar a bomba atômica para que pudesse conter o avanço do imperialismo soviético contra o mundo livre. Essa apropriação do livro de Alperovitz no Brasil demonstra que além de incompreensão da obra por parte dos editores da Biblioteca do Exército, a bomba atômica foi, e ainda é, tratada apenas com um fenômeno diplomático.

### **Limites de representação: as possibilidades de se escrever a história da bomba atômica hoje**

Um dos pontos mais importantes da obra de Robert Maddox é o seu uso dos termos “revisionista” e “mito” para se referir a toda aquela produção que é considerada por ele marxista ou contra os EUA. Essas palavras, assumem, hoje, ou pelo mesmo, desde a década de 1980 na Europa, impulsionada por historiadores como Pierre Vidal-Naquet com um caráter extremamente pejorativos. Maddox, por sua vez, utiliza ambas num sentido menos incisivo, fica evidente em sua obra, o uso dos termos supracitados para se referir aos acusados como falsários, antiéticos. Porém, vale ressaltar, que não há o tom perigoso entre “revisionistas” e “negacionistas”, como no caso do Holocausto. Não se há negação da bomba atômica, há (e muito) e questionamento sobre os motivos do seu uso.

Para que hoje possamos ter uma perspectiva futura sobre os estudos com relação a bomba atômica e a nuclearidade (o perigo das armas nucleares hoje e no passado) é preciso

primeiramente se desprender dos dogmas, tanto da “New Left” quanto dos tradicionalistas. O primeiro e principal dogma a ser combatido é, obviamente, estudar a bomba atômica apenas como um instrumento diplomático. Tal visão condensa o evento a mero números de mortos, quando todo o horror e impacto que causou (e ainda causa) a centena de milhares de pessoas é negligenciado.

Uma segunda questão que deve ser problematizada com relação a isso é a superação da barreira linguística com o japonês e buscar nas fontes japonesas, coreanas e chinesas instrumentos que possam ser analisados em conjunto com as fontes estadunidenses. Sei que a ocupação estadunidense no Japão (1945-1952), como aponta Monica Braw (1986), ocultou e eliminou milhões de evidências com relação a bomba atômica no Japão.

Porém, as evidências que constam nos acervos japoneses – muitas delas disponíveis online<sup>14</sup> – debates historiográficos do Japão e outros países asiáticos, como a Coreia do Sul e China, embora escassos, demonstram uma grande possibilidade de análise. Juntamente a isso, a memória dos sobreviventes pode e deve, sim, contribuir para uma escrita da história desse evento de maneira significativamente consistente. Algo que foi feito muito timidamente, por poucos historiadores, dificultando o processo de reflexão mais amplo acerca do evento. Todavia, as dificuldades de se estabelecer uma relação Ocidente-Oriente, superar as barreiras linguísticas e adentrar ao universo cultural e de alteridade com relação ao Outro, é uma atividade além de difícil, complexa e perigosa, podendo facilmente ser levada como algo anedótico ou estereotipado, no entanto é um risco importante que alguns historiadores assumiram.

Um exemplo desse tipo de imersão a história japonesa e oriental pode ser cristalizado na obra do historiador estadunidense John Dower (2000). O historiador em questão problematiza o lançamento da bomba atômica a partir de sua questão básica: a morte de milhares de pessoas jamais poderá ser justificada. Mostra, ainda, como o Japão além de sofrer com o impacto da bomba atômica, com o bombardeio a Tóquio – que matou em torno de 100 mil civis em 1945 – sofreu com a invasão estadunidense, tendo que lidar com o luto e a censura. Tendo sido arrasado tanto militarmente, como moralmente. Dower, mostra-se mais abrangente e incisivo que toda uma outra historiografia que falávamos anteriormente justamente por não se resumir a estudar os grandes políticos e as suas relações diplomáticas.

---

<sup>14</sup> O Hiroshima Peace Museum é um exemplo de museu que oferece grande parte do acervo iconográfico e bibliográfico gratuitamente para consultas online.



O historiador em questão preocupou-se com os sobreviventes, com a reconstrução do Japão e tudo o que isso envolveu. Fazendo, efetivamente, uma “história vista de baixo”, questionando e problematizando as questões pertinentes a isso.

É evidente que representar o horror e o trauma é uma tarefa extremamente árdua. No aclamado livro organizado por Saul Friedlander (2007) fica evidente estas questões levantadas pelos mais diversos historiadores, porém nenhum deles, até mesmo os mais antagônicos como Carlo Ginzburg e Hayden White, decretou como uma tarefa que não deva ser feita pela história. Embora White afirme, e eu concorde, que a escrita histórica (por questões estruturais de sua narrativa) jamais terá um impacto tão grande nas pessoas como a literatura e o cinema sob eventos traumáticos, o autor em nenhum momento questiona a validade ou a importância de se fazer história sobre o trauma.

Um dilema se estabelece sobre este ano, o qual completa-se 70 anos do lançamento das bombas atômicas sob Hiroshima e Nagasaki: grande parte dos historiadores supracitadas estão aposentados, produzindo pouco ou nada. Suas contribuições foram muito importantes para esse cenário intelectual que demonstrei. Obviamente que uns muito mais motivados pelo contexto da Guerra Fria, porém tornaram-se fundamentais para uma discussão historiográfica apurada sobre a bomba atômica. No entanto, é preciso compreender que a necessidade de estudos hoje sobre este evento aumenta, uma vez que a produção de armas nucleares e tecnologias nucleares assolam a humanidade (vide o acidente de Fukushima em 2011).

Em 1995, no cinquentenário do lançamento da bomba esses intelectuais estavam bradando suas ideias aos quatro ventos, hoje, no septenário deste evento poucos intelectuais estão se mostrando capaz de produzir algo que permita que a sociedade jamais se esqueça de um genocídio com tal proporção, que, como já dito, não só matou pessoas, como ainda mata através da radiação. Em um livro inteiro dedicado ao genocídio, lançado em 2008, a única referência que temos sobre as armas nucleares é a seguinte: “Não foi sem importância que foi o presidente Truman quem falou sobre a possibilidade de utilizar a bomba atômica sobre os povos coloridos da Ásia<sup>15</sup>” (CURTHOYS; DOCKER, In: STONE, 2008, p. 17).

Isso demonstra a necessidade urgente que temos de lembrar, rememorar as pessoas acerca deste evento e a sua clara implicação com a nossa realidade<sup>16</sup>. Colocar em prática

---

<sup>15</sup> “It was not without significance that it was President Truman who spoke of the possibility of using the atom bomb on the colored peoples of Asia” (texto original).

<sup>16</sup> Vale destacar que quando mencionei o dilema de superação da língua japonesa para compreender o outro lado, aquilo que está dentro do cogumelo atômico, eu me insiro neste grupo. Minha revisão bibliográfica japonesa

aquilo que White (2014) chamou de “passado prático” não é mais uma necessidade, mas sim um dever. Sendo assim, embora o debate entre Maddox e Alperovitz tenham estigmatizado os estudos sobre a bomba atômica, fica evidente que o primeiro se utiliza do seu ofício de historiador para mostrar as contradições (que todo historiador tem) com relação aos usos das fontes. Obviamente, que a sua ideia de uma história transparente e imparcial cai por terra quando ele assume uma posição completamente contrária a toda e qualquer pensamento que vai contra a sua tese, evidentemente demonstrando o lado em que se posiciona.

Além disso, Alperovitz embora tenha, realmente, negligenciado fontes e utilizado citações incompletas, fica evidente pelos trabalhos posteriores, com mais densidade e incisão sob o assunto, que suas principais teorias se sustentam. Fica nítido nos dias de hoje que a política dos EUA de construção da Guerra Fria e intimidação da URSS por meio das armas nucleares foi uma das suas maiores artimanhas do pós-guerra. Sendo assim, este artigo tinha como a pretensão maior apresentar este debate historiográfico marcante do século passado e propor uma reflexão sobre a necessidade de que seja reativada a chama sobre esta questão, mesmo após a Guerra Fria, pois o mundo bipolar pode ter acabado, mas a corrida nuclear não!

### Referências

- ALPEROVITZ, Gar. **Atomic Diplomacy: Hiroshima and Potsdam**. New York: Simon and Schuster, 1965.
- ALPERTOVITZ, Gar. **The Decision to Use the Atomic Bomb, and the Architecture of an American Myth**. New York: Alfred A. Knopf, 1995.
- AVILA, Arthur. A Plane, a Bomb, a Museum: the Enola Gay Controversy at the National Museum of Air and Space of the United States (1993-1995). **Storia della Storiografia**, Pisa-Roma, Vol. 65, 2014, p. 15-27
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- BIBLIOTECA DO EXERCITO. Nota ao Leitor. In: ALPERTOVITZ, Gar. **Diplomacia Atômica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1969.

---

sobre a bomba atômica é muito reduzida, sendo assim neste trabalho resolvi optar por não adentrar nesta seara para não cometer injustiças. O que posso afirmar é que trabalhos como de Dower (2000) e Seaton (2010) são considerados trabalhos extremamente valiosos no Japão, pois não apenas pesquisaram sobre o Japão no Japão como foram publicados em língua japonesa. Além disso, outro elemento que pode ser assegurado aqui é que a existência de uma historiografia que fale abertamente sobre a Segunda Guerra Mundial e a bomba atômica no Japão é escassa. Pouco autores se dedicaram a isso, os motivos não caberia aqui explicitar, porém é interessante ressaltar tal característica.

- BRAW, Monica. **Atomic Bomb Suppressed**: American Censorship in Japan 1945-1949. Stockholm (SWE): Liber, 1986.
- CASTORIADIS, Cornelius. **Devant la guerre**. Paris: Fayard, 1981.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.
- CURTHOYS, Ann; DOCKER, John. Defining Genocide. In: STONE, Dan (Org.). **The Historiography of Genocide**. London: Palgrave-Macmillan, 2008. p. 17
- DOWER, John. **Embracing Defeat**: Japan in the Wake of World War II. New York: W. W. Norton & Company, 2000.
- ECO, Umberto. Mafalda ou a recusa. In: QUINO. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 16-16
- FRIEDLANDER, Saul (Org.). **En torno de la representación**: el nazismo y la solución final. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.
- FRIEDLANDER, Saul. **The Years of Extermination**: Nazi Germany and the Jews, 1939-1945, New York: HarperCollins, 2007.
- GONÇALVES, Ana Cristina. **Representações de Hiroshima**: a problemática da representação a partir de Gén Pés Descalços. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 2011.
- HALLIDAY, Fred. **Génesis de la Segunda Guerra Fría**. Tlalpan, México: F. C. E., 1989.
- MADDOX, Robert. A Cold War Battle. **The New York Review**, New York, 18 out. 1973. Disponível em: < <http://www.nybooks.com/articles/archives/1973/oct/18/a-cold-war-battle-1/>> Acesso em 07/01/2014.
- MADDOX, Robert. **The New Left and the Origins of the Cold War**. Princeton: Princeton Legacy Library, 1973
- MADDOX, Robert. **Weapons for Victory**: The Hiroshima Decision Fifty Years Later. Columbia: University of Missouri Press, 1995.
- MADDOX, Robert; STEEL, Ronald. Who Started the Cold War? By Robert Maddox and reply by Robert Steel. **The New York Review**, New York, 18 maio 1972. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/archives/1972/may/18/who-started-the-cold-war-2/>> Acesso em 07/01/2014.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/Projetos globais**: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

ROUSSO, Henry. **The Vichy Syndrome**: History and Memory in France since 1944. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

RUSSELL, Bertrand. **New Hopes for a Changing World**. Sidney: Allen & Unwin, 1951.

SEATON, Philip. **Japan's Contested War Memories**: The 'Memory Rifts' in Historical Consciousness of World War II. New York-London: Routledge, 2010.

STEEL, Ronald. Did Anyone Start the Cold War? **The New York Review**, New York, 2 set. 1971. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/archives/1971/sep/02/did-anyone-start-the-cold-war/>> Acesso em 07/01/2014.

STEEL, Ronald. The Good Old Days. **The New York Review**, New York, 14 jun. 1973. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/archives/1973/jun/14/the-good-old-days/>> Acesso em 07/01/2014.

THOMPSON, Edward et al. **Exterminismo e guerra fria**. São Paulo: Braziliense, 1985.

THOMPSON, Edward Palmer; SMITH, Dan. (Org.) **Protest and Survive**. New York-London: Monthly Review Press, 1981.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os Assassinos da Memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1987.

WHITE, Hayden. **Practical Past**. Chicago: Northwestern University Press, 2014.